

Cinema, tevê e vídeo: na escola, tudo isso é a mesma coisa?

Luci Hildenbrand (FaEL-NUTE/PROEG)

É comum levarmos a tevê para a sala de aula, ou até mesmo, o cinema, fazendo uso da tecnologia do vídeo. Do mesmo modo que eles, o vídeo é uma tecnologia audiovisual, portanto, cinema, tevê e vídeo são três meios interconectados através de pontos comuns – os pontos que os reúnem sob o escopo de uma mesma linguagem.

Ao docente importa conhecer o que caracteriza um e outro meio, pois, dependendo de suas potencialidades e limitações, deverá selecionar, para uso, esta ou aquela tecnologia. Sabemos que o cinema não substitui a tevê ou vice-versa e que este dizer é estensível ao vídeo.

Importa saber que cinema gravado em vídeo não é cinema nem vídeo: é cinema gravado em vídeo, ou seja, a produção cinematográfica registrada em fita magnética.

Estende-se, da mesma forma, as considerações acima para as gravações de tevê feitas em fitas de vídeo. Por serem apresentadas em sala de aula, não se trata mais de programas de tevê no sentido estreito, mas de programas de tevê copiados (e talvez até editados) em fita para apresentação em vídeo.

Cinema tem uma linguagem toda especial, como também a tevê e o próprio vídeo. Não dá para misturar uma tecnologia com outra como se fossem coisas miscíveis. Cinema é cinema... tevê é tevê... vídeo é vídeo...

O cinema faz nos vestirmos de uma outra maneira, dependendo do local onde esteja instalada a sala de projeção. Emanado do fundo do ambiente, o feixe de luz multicolor perpassa a cabeça de todos os que descontraidamente largam seus corpos sobre as poltronas macias daquela sala escura, onde as variações de gradiente luz são emanadas da própria tela.

Encarnamos personagens – ou, minimamente, assumimos uma posição em favor de algo ou de alguma coisa, ou de alguém –; sonhamos, sorrimos, rimos, choramos, fechamos os olhos para não ver, torcemos para que algo (não) aconteça, respiramos aliviados... vivemos!

Cinema e isto: luz, câmera, ação! disse Glauber. É luz também porque ilumina nosso imaginário, nossas fantasias, nossos sentimentos, emoções; câmera porque é através de determinado enquadramento, pré-definido, que iremos mirar a (o segmento de) realidade mostrada (o) e, assim, percebê-la (o), enquanto estamos despojados na frente do telão.

Parece haver um acordo tácito entre os presentes: na hora do riso, risos... na hora dos alívios, ufa!... , na hora do desespero, gritos podem ocorrer.

O telefone não toca – e, quando toca, incomoda a todos; ninguém fala em voz alta, e, quando o faz, a chiadeira é geral; ninguém esbarra na poltrona do outro e, se isto

acontece, olha-se para trás numa menção de que não se gostou de ser incomodado. Enfim... um mundo fabuloso e fantástico, à parte.

Teve é teve. Instalada em espaços onde se agregam uma ou várias pessoas, unidas por algum interesse comum, tem sua mensagem totalmente fragmentada por anúncios comerciais. Na teve vende-se de tudo e a toda hora, inclusive produtos dentro da própria programação.

A recepção à teve acontece em ambiente iluminado e, concorrendo com o texto cinético-audiovisual exibido, estão outros estímulos: o cachorro que late, bolo que, no forno, queima, o liquidificador que bate um *frapê* ou a campainha que chama.

No ápice de um segmento do texto televisivo, alguém passa e diz:

“Tchau, turma! Fui!”

Vai aonde? Pergunta outrem.

Volta hoje? A que horas?

Parece que interrupções à leitura das mensagens não aconteceram; afinal, todos estão acostumados aos ganchos de tensão dos programas e aos *breaks* da grade de programação.

Ninguém precisa se compor para assistir ao programa, basta ligar a teve ali mesmo do sofá. Com o controle remoto na mão, o efeito *zapping* entra em cena em pouco tempo e, assim, alguém passa a decidir o que o grupo deve, ou não, assistir.

Às vezes a reclamação é geral e reiteradamente dizem alguns. *“Deixa no Big Brother pra gente ver o que vai acontecer agora.”* Quem faz o *zapping*, em geral, passeia com tanta velocidade e determinação pelos canais que parece não se importar com as expectativas ou mesmo com os protestos dos outros.

A mensagem televisiva é altamente reiterativa, isto é, repete trechos já mostrados, considerados significativos para a captação e compreensão da mensagem e, desta forma, garante ao telespectador recompor mensagens anteriores por ele não acessadas diretamente.

Algumas das histórias apresentadas em teve têm garantida a sua continuidade em dias subseqüentes; outras, diversamente, têm início e fim previsto para um pequeno intervalo de tempo que se dará em certo dia e em certo horário.

Teve é assim... Se você viu, viu! Se não viu, visse!

Tanto o texto televisivo quanto o texto cinematográfico só poderão ser revistos (ou revividos) se forem levados ao ar ou projetados novamente, nas condições originais, ou, ainda, se copiados em fita VHS ou qualquer outra mídia audiovisual-cinética.

Vídeo é vídeo.

Vídeo é um termo amplo o bastante a ponto de designar a fita, o monitor, o equipamento etc. Permite exibir para grandes ou pequenos grupos produções geradas para a teve, para o cinema ou para ele mesmo, o próprio vídeo.

Em geral, programas de vídeo destinam-se a público bem particularizado e não numeroso, dadas as características da telinha de projeção.

Incluem tema único desenvolvido de forma inteiriça (como se fosse uma pequena história) ou segmentado por depoimentos, entrevistas, imagens de outros programas etc.

O vídeo, devido as suas potencialidades físicas que permitem avançar, retroceder imagem, congelar e reproduzir quadro-a-quadro, tem tido grande serventia na educação: leva, além de seus próprios programas, outros que foram concebidos para outras tecnologias.

A facilidade técnica de operação da tecnologia, associada à disponibilização de um dado programa em certo dia e horário letivos, tem favorecido o uso abusivo do meio.

Há professores que deixam seus alunos expostos a longas apresentações audiovisuais e, lamentavelmente, muitas vezes, os alunos nem, ao menos, sabem porque aquele programa está sendo exibido. Neste caso, seria muito admitir que os alunos viessem a supor que seu programa de ensino não possui uma seqüência pedagógica bem estruturada? Em outros termos, que o vídeo entra em cena como um coringa e, assim, assume o lugar de qualquer outra carta independentemente de, no caso do jogo pedagógico, não ser este o seu papel.

Desta sorte, pretende-se deixar claro que a escola dispõe de espaço para os três meios, mas precisa considerar as características e peculiaridades de cada um deles para que haja discernimento sobre o quando (e o como) usar uma ou outra. Não há outro caminho que indique isto ao professor, senão aquele que leva ao conhecimento. Se o educador não se dispuser a isto, todos pagarão preço já conhecido: o ensino não sucederá, a aprendizagem não se efetivará, nem a tecnologia cumprirá o seu papel. Se estes argumentos parecerem frágeis ao leitor, acresça-se outro: provavelmente professores ficarão incertos da apresentação de novos programas, pois os anteriores não foram exitosos; alunos certamente não terão interesse em se sujeitar a uma apresentação educativo-audiovisual se desconhecerem sua real inserção na prática pedagógica.

Portanto, se pensar antes de decidir não é demais, não poderia ser diferente com a seleção e uso das tecnologias da geração audiovisual: cinema, tevê e vídeo.